

Existencialismo Metafísico

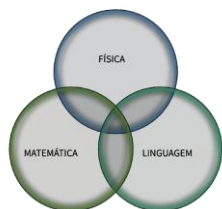
4 – Estrutura Gramatical

Todas as linguagens envolvem as palavras e suas interações para formar um significado. Estas interações têm regras e estão a cargo das gramáticas e do uso. Similarmente, a base do pensamento são conceitos (objetos e ideias) e suas interações. Estas passam por regras para formar uma verdade, uma conclusão. Conceitos e interações também são bases das filosofias, das religiões, das ciências, das artes, da medicina, da engenharia, enfim, de todo conhecimento. As interações entre os conceitos passam por regras e vão produzindo resultados, sentidos, conclusões ou sistemas.

Em gramática, podemos dizer que os conceitos tratam do vocabulário. Os conceitos podem representar objetos ou ideias abstratas. O sujeito da frase contém conceito que promove a interação com outros conceitos. Os verbos promovem a interação destes conceitos e podem ser de ação e de estado. Os verbos de ação descrevem as interações do sujeito da oração. Os verbos de estado descrevem algo no sujeito que permanece no tempo. Esta permanência é finita no mundo físico, enquanto a permanência pode ser absoluta no mundo metafísico, a exemplo da matemática que será estudada em capítulo próprio.

A palavra gramática tem origem grega e tem muitas definições. Geralmente são tratadas como o conjunto de regras que disciplinam uma língua. Em sintonia com o exposto inicialmente, nós preferimos defini-la singelamente como o estudo das palavras e suas interações que passam por regras para formar um significado. Tecnicamente o estudo das palavras se refere à morfologia e o estudo das interações se refere à sintaxe. Estes estudos estão presentes em todas as línguas. A fonética e a ortografia são apenas o estudo dos sons e escrita correta das palavras. Ou seja, estão no estudo do vocabulário, da morfologia. A semântica é o resultado, o significado produzido pelo vocabulário e a sintaxe.

Em linguística, morfologia estuda a estrutura, a formação e a classificação das palavras. Ela estuda as palavras isoladamente e não a sua interação na frase ou período. A morfologia classifica as palavras em dez classes, chamadas de classes de palavras ou classes gramaticais: Substantivo, Artigo, Adjetivo, Numeral, Pronome, Verbo, Advérbio,



Existencialismo Metafísico

Preposição, Conjunção e Interjeição. Enquanto algumas são palavras de conteúdo e ilimitadas (substantivo, verbo, adjetivo e advérbio), outras são palavras gramaticais e limitadas (conjunção, preposição, pronome, artigo).

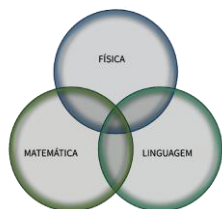
Estudando a estrutura e formação das palavras, a análise morfológica enxerga as palavras distantes das frases. Na formação das palavras, os principais processos são por derivação e composição. Na derivação, uma nova palavra surge a partir de outra já existente. Via de regra, este processo ocorre com o acréscimo de sufixos e prefixos. A composição se faz pelo ajuntamento de duas ou mais palavras ou radicais.

Mas também há formação por redução ou abreviação, por empréstimos lexicais, por criação de neologismos. Há riqueza na formação de uma palavra nova para ajudar a expressar mais e melhor.

A estrutura das palavras é formada pelo radical, tema, vogal temática, vogal ou consoante de ligação, afixo, desinência (nominal ou verbal). O radical é o elemento mais importante dentro das palavras, pois ele contém a identificação da ideia ou objeto. Este morfema é que dá o sentido da palavra e base para muitas outras palavras. Ele deveria ser indivisível, mas há exceções (verbos anômalos).

Já a sintaxe estuda a parte da gramática que trabalha a disposição das palavras nas frases, ou seja, as interações entre palavras. As palavras exercem uma função na frase, estão inter-relacionadas e são combinadas entre si. A sintaxe contém regras que permitem as múltiplas possibilidades para combinar palavras e orações. A sintaxe e o vocabulário vão sendo criados ao longo da história de uma língua. As línguas vão desenvolvendo sua individualidade e sua gramática. Acabam sendo únicas e transformam em patrimônio cultural de cada povo.

O estudo da linguística percebeu searas em comuns de todas as línguas. O francês Ferdinand Saussure inovou com esta ciência ao definir seu objeto de estudo, a língua. Ele a chamou de sistema de signos. Signo é a associação entre significante (a acústica, a palavra falada ou escrita) e o significado (conceito, conteúdo). Esta associação é convencional, arbitrária. A palavra “cão” (significante) representa o animal domesticado de 4 patas que normalmente criamos para vigiar nossas casas (significado).



Existencialismo Metafísico

Saussure criou o método estrutural e elevou a linguística ao status de ciência. O estruturalismo propõe a interação de cada elemento da língua com o todo. Como num jogo de xadrez. Cada peça tem seu valor e interage com todas as outras peças. Aqui nós voltamos a dualismos como parte e todo, micro e macro, conceitos e interações.

Depois do estruturalismo, veio o gerativismo também no século passado. Noam Chomsky focou seu estudo na sintaxe. Sua obra “Gramática Gerativa” pregava um número limitado de regras para gerar um número infinito de frases. Este sistema dedutivo vai do abstrato (axioma, sistema de regras) para o concreto (frases existentes na língua). Este estudo focou as interações entre palavras.

Chomsky seguiu a linha racionalista e lógica em seus estudos. Pregava aquilo que é universal ao invés de estudar as diferenças. Estas seriam uma catalogação estéril das línguas, uma infinidade de dados sem relevância. Afirmava a criatividade das frases seria governado por poucas regras.

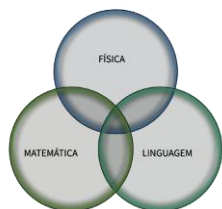
Sintetizando, a gramática envolve as palavras e suas relações e geralmente é dividida em:

- 1) Fonética ou fonologia: estuda o som das palavras;
- 2) Morfologia: estuda a estrutura das palavras e sua classificação;
- 3) Sintaxe: estuda as relações entre palavras e orações.

Estas três compõem a gramática, mas pode-se incluir a semântica, o estudo do significado das palavras, frases ou texto. Há outras divisões que incluem estilística, etimologia, gramática textual entre outras.

O estudo estreito entre as classes gramaticais e das funções dentro da oração, ou seja, entre os aspectos morfológicos e sintáticos ao mesmo tempo é chamado de morfossintaxe. Há determinadas línguas uma relação direta entre as classes gramaticais e a sintaxe como o latim, esperanto e alemão.

Em fonética, cada língua tem sua pronúncia e suas letras. Os sons das letras deveriam corresponder exatamente e precisamente ao símbolo gráfico das letras (“b” + “a” = ba). Em nome da precisão não deveria haver letras mudas (como ocorre com o “h”), letras que correspondem a sons iguais (como “ç” e “ss”; “z” e “s”). Em inglês, a pronúncia das palavras parece aleatória em relação às palavras escritas.



Existencialismo Metafísico

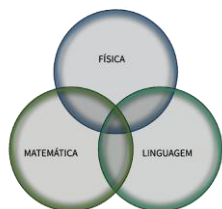
A gramática textual vai além das frases. Ela busca coerência e coesão entre as frases. A coesão busca unidade de texto e se faz com elementos (conjunções, pronomes, preposições) que ligam as frases. Eles amarram as frases e não permitem frases isoladas dentro de um texto. A coerência busca unidade de ideias dentro de texto e, assim, não permitem ideias isoladas dentro do texto. A primeira se faz com elementos concretos, a segunda com elementos abstratos ligados à semântica. Esta busca o significado o mais preciso possível das palavras, frases e textos.

Quanto à variação dentro da nossa gramática, as palavras podem ser variáveis e invariáveis. Nossa gramática divide as palavras em classes gramaticais que contêm palavras invariáveis (advérbio, preposição, conjunção e interjeição) e palavras variáveis (substantivo, adjetivo, verbo, numeral, pronomes e artigos). As flexões das palavras variáveis ocorrem com a presença das desinências nominais (gênero, grau e número) e verbais (pessoa, voz, número, tempo e modo).

Estas desinências nominais podem trazer mais informações, como o sexo, tamanho e quantidade de conteúdo da palavra. Enquanto as desinências verbais trazem novas informações quanto ao tempo da ação, a pessoas do discurso, o modo da fala. A rigor, estas variações não mudam o sentido da palavra original, pois elas apenas servem para dar novas informações e se interagir com outras palavras, com outras classes gramaticais. Estas variações não enriquecem de significados nosso vocabulário, mas o aumenta rumo ao infinito e além.

Quando as palavras flexionam para exercer uma função sintática na oração, temos o estudo dos casos, declinações, o estudo da morfossintaxe. Nossa gramática portuguesa não privilegia as flexões com declinações. Contudo há outras línguas que utilizam flexões e declinações e outras que não utilizam nem uma nem outra. Há muitas classificações das línguas, contudo para fins deste trabalho vamos classificá-las em flexionais e não flexionais. Estas são chamadas de línguas isolantes.

Estas línguas isolantes têm uma estrutura muito diferente do português. A interação entre as palavras é direta, não utilizam a flexão e sim a tonicidade para diferenciar estruturas gramaticais. Suas palavras são raízes, isto é, as palavras que não podem ser fragmentadas em elementos menores, portadores de informações gramatical



Existencialismo Metafísico

e/ou significado lexical. Ou seja, as línguas isolantes não possuem flexão, por exemplo, não utilizam sufixos, como é muito comum no português. Além disso, essas línguas tendem a ser tonais. Como exemplo de línguas isolantes, temos o chinês e o vietnamita.

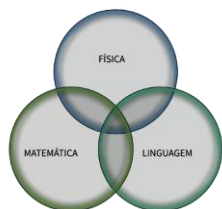
O surgimento das línguas isolantes foi, sem dúvida, anterior ao das línguas flexionais. Igualmente, a escrita foi desta forma. Hieróglifos, pictogramas, ideogramas não possuem flexões. Na verdade, os pictogramas basicamente deram origem a escrita. As primeiras formas de representação do homem foram as pinturas rupestres em cavernas. Com o tempo e o fim do nomadismo, o homem precisava de formas de se comunicar, identificar situações, então fazia desenhos bem sintéticos da circunstância.

Estes pictogramas representavam o conteúdo da língua de um povo. Para se representar um homem ou uma mulher, era desenhado um homem ou uma mulher. Depois surgem os ideogramas. São representações de ideias, de conceitos. Por exemplo, para se explicar um homem jogando bola, a ideia da cena era o cara chutando. Assim se fazia uma abstração. Nesse caso, a imagem não representaria o homem ou a bola separadamente, mas o conceito de futebol.

Os pictogramas, por assim dizer, são o vocabulário da linguagem, enquanto os ideogramas são as interações do vocabulário. Entidades em interações podem ser visto não só no conhecimento atual, mas também no conhecimento primitivo.

Ideogramas podem ser comparados aos pictogramas, símbolos gráficos que têm por objetivo informar às pessoas. Por ser uma comunicação exclusivamente visual, podem ser entendidos por qualquer pessoa, mesmo que está não saiba ler, ou mesmo pessoas de outro país. Como exemplo, temos as placas informativas e regulamentativas do trânsito. Uma placa com o desenho de um avião decolando não representa o avião, mas sim o aeroporto. Esta ideia é de conhecimento de todos. Tais informações não tem como flexionar.

Similarmente, o idioma chinês não tem mudança de número e os verbos permanecem imutáveis, ou seja, não há mudança de tempo e número. E como o chinês é uma língua tonal significa que uma mudança na tonicidade da pronúncia pode modificar o significado da palavra.



Existencialismo Metafísico

Esta ausência de flexão pode ser explicada pelos ideogramas. Estes ideogramas não variam. O problema do ideograma são os milhares deles em desvantagem de pouco mais de duas dezenas de letras do alfabeto. Já as línguas flexíveis multiplicam o vocabulário rumo ao infinito e além. O ideal seria minimizar tais flexões e evitar aumento do vocabulário desnecessariamente.

Vale salientar que os advérbios, conjunções, preposições e interjeições não são flexionáveis. As classes gramaticais variáveis podem flexionar quanto ao número (singular ou plural), quanto ao gênero (masculino e feminino), quanto ao grau (aumentativo, diminutivo, superlativo), quando a pessoa do discurso (1ª pessoa {eu, nós}, 2ª pessoa {tu, vós}, 3ª pessoa {ele, eles}), quanto ao tempo (passado, presente e futuro), quando ao modo (imperativo, indicativo e subjuntivo), quanto a voz (ativa e passiva).

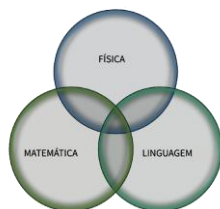
Estas variações são da língua portuguesa. Além destas, existem as chamadas variações de caso. São alterações nas palavras em razão de função sintática. O português e o inglês usam a ordem direta da frase: sujeito, verbo, objeto. Esta ordem é obrigatória, por isto não necessitam de variações de caso. Latim e alemão usam as variações de caso e podem alterar aleatoriamente aquela ordem. Por exemplo: verbo, objeto, sujeito.

A ordem direta parece a mais acertada, pois a entidade, o conceito, a ideia, o sujeito da frase sempre vem primeiro para depois interagir com outras entidades, conceitos, objetos e pessoas. Além disto, as declinações promovem mais variações e complexidade desnecessárias.

Feitas estas considerações preliminares, vamos visualizar nossa gramática. Em resumo, vejamos a estrutura sintática do português, ou seja, as interações das palavras, dos conteúdos ou dos sujeitos.

Análise sintática de frases e orações.

Frase é todo enunciado de sentido completo. Ela pode ser formada por uma só palavra ou por várias, podendo ter verbos ou não. A frase pode ser empregada na escrita ou na fala. Ela pode exprimir dúvidas, ideias, emoções, ou ordens.



Existencialismo Metafísico

Elemento relevante da frase falada, a entonação nos dá muitas possibilidades de expressão. Estas possibilidades são muitas maiores nas línguas não flexionais. Uma frase simples, como "É sério.", a entonação pode exprimir fato, dúvida, surpresa, indignação, decepção. Na língua escrita, a entonação é substituída pelos sinais de pontuação e promovem o sentido das frases.

As frases podem ser classificadas em:

a) Frases Interrogativas: o sinal “?” e a entonação (no caso da fala) representam a interrogação direta. Ocorre quando uma pergunta é feita pelo emissor da mensagem. São empregadas quando se deseja obter alguma informação. Pode ser também um pedido ou oferecer uma gentileza. São afirmativas ou negativas. Exemplos: Você quer água? Não quer água?

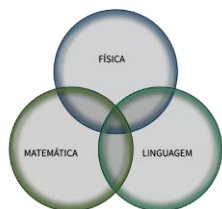
b) Frases Imperativas: são frases determinísticas em que o emissor da mensagem dá uma ordem, um conselho ou faz um pedido, utilizando o verbo no modo imperativo. São afirmativas ou negativas. Exemplos: Faça o que eu mando. Não pega isso.

c) Frases Exclamativas: são frases em que se exteriorizam emoções. Elas apresentam entoação ligeiramente prolongada. São afirmativas ou negativas. Por Exemplo: Oh, meu Deus! Não quero!

d) Frases Declarativas: ocorrem quando o emissor constata um fato. Esse tipo de frase informa ou declara alguma coisa. São afirmativas ou negativas. Ontem fui ao cinema. Eu não fui ao cinema.

Percebamos o dualismo afirmativo-negativo. A negação é extremamente relevante na linguagem, na lógica, na matemática e em nosso sistema filosófico. Há mais dualismos nas frases, como o emprego ou não do verbo. Assim as frases podem classificar em nominal e verbal: Frase Nominal é a frase elaborada sem verbos. Exemplo: Uma espécie de sistema filosófico como existencialismo. Frase Verbal é a frase elaborada com verbo. Exemplo: O exposto era uma espécie de sistema filosófico.

Estas frases verbais de um só verbo também são orações. Oração é um conjunto de palavras interligadas em torno de um verbo. Na frase temos o sentido e na oração temos o verbo como ênfase. Quando há mais de uma oração, temos o período ou uma frase com várias orações. Enquanto as frases sem verbos focam no conteúdo, na ideia,



Existencialismo Metafísico

no sujeito, as frases com verbos ou orações focam na interação, exceto as ligadas com verbos estáticos.

As palavras exercem funções dentro das frases. Estas funções recebem o nome de termo. Estes podem ser essenciais, integrantes e acessórios. Termos essenciais da oração contêm um sujeito e predicado. Sujeito tem a função de representar o ser. O predicado tem a função de representar aquilo que se diz o ser. Enquanto o sujeito representa o ser, o predicado representa a interação do ser.

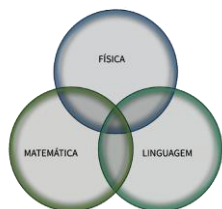
Termos integrantes da oração contêm objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva. Objeto direto tem a função de completar o verbo sem preposição. Objeto indireto tem a função de completar o verbo com preposição. Complemento nominal completa o nome por meio de preposição. Agente da passiva representa quem pratica a ação. Os objetos direto ou indireto e o agente da passiva representam entidades, seres, conteúdo em interação.

Termos acessórios das orações são adjuntos adnominal e adverbial, aposto, vocativo. Adjunto adnominal tem a função de se juntar a um núcleo representado pelo nome. Adjunto adverbial se junta a um verbo para circunstanciar. Aposto retoma outro termo para explicar, ampliar, resumir. Vocativo não tem função sintática na oração, mas que é usado para chamar as pessoas com quem se fala. Tais termos ora focam as entidades ora as interações.

Os períodos compostos são separados em orações para fins didáticos. As relações entre eles podem ser coordenadas e subordinadas. Períodos compostos por coordenação são independentes entre si. Eles são subdivididos em oração coordenada sindética e assindéticas. Estas não possuem conectivos, mas vírgulas. A sindética se subdivide em: aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas.

Os períodos compostos por subordinação tem o período principal e este depende da oração subordinada. São divididas em subjetivas, adverbiais e adjetivas quando exerce a função de substantivo, advérbio e adjetivo respectivamente.

Orações subordinadas subjetivas exercem a função sintática de sujeitos, objeto direto e indireto, complemento adnominal, vocativo e aposto.



Existencialismo Metafísico

Orações subordinadas adverbiais exprimem circunstância de tempo, causa, finalidade, modo, lugar, condicionais, consecutivas, conformidade, comparação e concessão.

Orações subordinadas adjetivas dividem em restritiva e explicativa. As restritivas limitam o significado do termo antecedente sem vírgula. As explicativas caracterizam o termo antecedente, tornando-o mais amplo e com uso de vírgula.

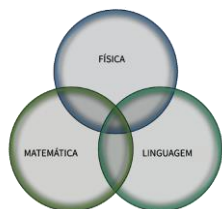
O conjunto de orações, sejam coordenadas ou subordinadas, representam um conjunto de interações que podem ter o mesmo sujeito ou sujeitos diferentes.

Toda esta estrutura acima exposta permite uma abertura. Nós podemos montar uma frase nunca antes feita e ser entendida por todos os usuários da mesma língua. Noam Chomsky chama esta ideia de gerativismo. Com poucas regras podemos criar uma infinidade de frases, apesar de muitas excessivas e desnecessárias regras gramaticais do português.

Todavia esta estrutura não está pronta e acabada. Ela também evolui assim como todas as línguas. Muitas destas serão extintas como no caso das línguas indígenas, outras nascerão como as linguagens de programação. Há milhares línguas, no entanto, todas elas têm características em comum: além da abertura e evolução, temos a abstração e a negação. Tais características também são comuns na matemática e na lógica.

A abstração é a capacidade do ser humano de conceituar, enumerar, referirem-se a fatos ausentes, passados, futuros e hipotéticos. A abstração representa fenômenos, fatos, objetos e ideias que não existe fisicamente, mas apenas metafisicamente.

Quando pensamos num crime de fato ocorrido, estamos criando em nossa mente outra realidade. Uma realidade metafísica, virtual, paralela e ao mesmo tempo longe do crime que aconteceu fora de nossa mente. Todos percebem o crime real da mesma maneira. Entretanto cada pensador tem um sistema particular de valores. O mundo que pensamos é um simulacro do real que passa pelos filtros e valores de cada um. Esse mundo que existe na mente do homem (universo paralelo) criado pela linguagem é o que chamamos de visão do mundo.



Existencialismo Metafísico

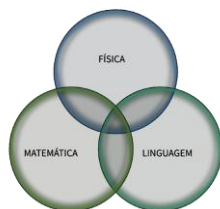
Do prisma linguístico, a realidade só tem existência para os seres humanos quando é nomeada. O mundo existe independentemente das pessoas, mas só atentamos para as coisas por intermédio da linguagem. Nós percebemos e diferenciamos os objetos e ações no mundo por meio da linguagem.

As palavras e suas interações criam conceitos que ordenam a realidade, categorizam e classificam o mundo. A linguagem é, assim, uma forma de apreender aquilo que existe. Cria-se uma nova palavra para denominar outra realidade. Por isso uma língua interpreta e ordena o mundo.

Acima foi dito que as frases podem declarativas, interrogativas, exclamativas. As declarações, interrogações e exclamações podem ser afirmativas ou negativas. Assim a negação é vital para a linguagem. Este Nada tem relevância na linguagem. O principal advérbio de todas as linguagens é o NÃO, do latim non. Advérbio de negação é usado para negar verbos, adjetivos, frases e orações. O advérbio de Negação, o NÃO foi a primeira palavra de todos os povos. Há outros advérbios de negação como jamais, nunca, negativamente, mas o não é o mais comum.

Voltando ao conceito inicial, palavras e suas interações passam pela sintaxe e pelo dualismo citado (afirmação ou negação) para chegar a um sentido. Esta ideia reflete na matemática, na lógica. Números em interações que passam por regras e o dualismo para chegar a um resultado. Na lógica, conceitos em interação que passam por regras e pelo dualismo para chegar a uma conclusão. O Existencialismo Metafísico defende que estas ideias funcionam para a vida, seres em interações que passam por regras e pelo dualismo para chegar à integração.

O ser, o “eu”, a entidade metafísica é uma parte da realidade inquestionável. Este ser percebe o mundo através dos sentidos principalmente pela visão e audição. Este mundo pode ser apenas representado pelo “eu”, como fazem os atores ou pela linguagem falada ou escrita. Não há como o ser experimentar ser outro ser. Kant chamava isto de “mundo em si”. O leitor não tem como ser uma árvore ou estar na pele de outra pessoa. Daí os conceitos “eu” e “não-eu”, ser ou não-ser. Este dualismo reflete em outras searas da realidade e do conhecimento.



Existencialismo Metafísico

Então nós temos um dualismo cósmico da realidade: a nossa visão de mundo e o mundo em si. A ciência dividiu a realidade no sujeito e no objeto. A filosofia no micro e no macro. As religiões no criador e na criatura. A arte no “eu” e “não-eu”.

A gramática dividiu seu estudo no sujeito e no predicado e chamou este dualismo de termos essenciais da oração. O sujeito pode ser o homem, objeto ou ideia. O predicado contém as interações e estas podem ser afirmativas ou negativas. A ideia de negação também é forte na lógica, alvo de nossa próxima exploração.